

SANDRA JACQUELINE STOLL

O espiritismo na encruzilhada

**SANDRA JACQUELINE
STOLL** é professora da
Universidade Federal do
Paraná.

mediunidade com fins lucrativos?





A discussão sobre o comprometimento da ética religiosa com os sistemas econômicos é um tema clássico da tradição sociológica, campo em que a produção de Max Weber figura como paradigma. Hoje, porém, o tema não se coloca nos mesmos termos: a clássica discussão sobre a relação entre ética religiosa e economia vem cedendo espaço à investigação das práticas monetárias correntes no campo religioso e suas consequências éticas.

No Brasil a discussão sobre o tema vem ganhando espaço nos estudos socioantropológicos, freqüentemente remetendo ao universo evangélico e dos cultos afro-brasileiros (1). O presente artigo tem a intenção de estender a discussão ao campo espírita, até o momento não considerado no contexto desse debate (2). Recorro, para tanto, a um estudo de caso sobre a família Gasparetto, cuja trajetória recente, marcada pela aproximação do ideário da chamada “Nova Era” e das práticas de “auto-ajuda”, tem se destacado pelo consórcio entre a me-

¹ Dentre outros ver: Maggie, 1979; Dantas, 1979; Mariano, 1996 e 1998; Oro, 1993, 1998 e 2001; Pierucci & Prandi, 1996.

² Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada por ocasião da 23ª Reunião da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) em Gramado/Rio Grande do Sul, junho de 2002.

diunidade e a produção de inúmeros itens que circulam no mercado neo-esotérico e/ou de auto-ajuda, dentre eles: livros, fitas de vídeo e discos, além de cursos, palestras e *workshops*. Essa prática, realizada com fins lucrativos, tem suscitado o questionamento de um dos fundamentos da prática espírita: o exercício da mediunidade como prática de caridade.

A DISCUSSÃO NA INTERNET

Uma reportagem jornalística sobre a produção literária da médium Zíbia Gasparetto, publicada pela revista *Veja* em meados de 2002, suscitou um interessante debate sobre o tema num *site* espírita da Internet (Marthe, 2002).

Reproduzida na íntegra por um de seus participantes, a referida reportagem apresenta, em rápidas pinceladas, a trajetória da médium Zíbia Gasparetto no campo editorial. Sua presença tem sido uma constante na lista dos livros mais vendidos nos últimos dez anos, sendo que a sua produção literário-mediúnica remonta aos anos 50 e 60. Nesse período, junto com o marido, Aldo Gasparetto, Zíbia fundou o Centro Espírita Os Caminheiros. Segundo a reportagem, já nessa época a orientação “dos espíritos” se voltava para o investimento numa editora. A família Gasparetto se lançou nesse empreendimento anos mais tarde, com a publicação (em 1987) do romance *Laços Eternos*, seu primeiro *best-seller*. Hoje, já em sua 48ª edição, esse romance teve sua divulgação também realizada através do teatro, para o qual foi adaptado em 1991, permanecendo a primeira montagem em cartaz por quatro anos com apresentações realizadas em várias cidades do país. Os dividendos obtidos com sua publicação, como reza a tradição, foram inicialmente revertidos às obras sociais mantidas pelo “centro”. “Tempos depois”, segue a reportagem, os “espíritos” sugeriram a Zíbia que fechasse Os Caminheiros. “Compre uma gráfica e invista em divulgação, sussurraram-lhe as vozes.” Esse projeto veio a concretizar-se

nos anos 90 com a criação da editora Vida e Consciência. O seu faturamento atual, segundo divulgado na imprensa, “é estimado em 11 milhões de reais”. A mesma fonte informa que se trata da “maior editora de obras espiritualistas do país”. O seu carro-chefe é ainda o produto que lhe deu origem: os livros psicografados por Zíbia Gasparetto. Os 24 títulos por ela publicados, segundo consta, já venderam mais de 5 milhões de exemplares. “Façanha” que, segundo uma outra matéria jornalística, “só foi superada por dois outros médiuns espíritas brasileiros, Chico Xavier e o baiano Divaldo Franco, o primeiro com 25 milhões de livros vendidos e o segundo com 7,5 milhões” de exemplares (Azevedo, 2003).

A princípio os livros de Zíbia Gasparetto eram conhecidos apenas no meio espírita. Hoje circulam em meio a um público de religiosidade “mais difusa”, constituindo um “fenômeno no filão do esoterismo”. “Seu leitor é o mesmo que consome um *best-seller* do guru Deepak Chopra, por exemplo”, afirma a reportagem de *Veja*, 2002. A contribuição de Zíbia Gasparetto para a divulgação da literatura mediúnica “extramuros”, como dizem os espíritas, é considerada significativa. Perguntam-se, porém, os adeptos da doutrina: é legítima a obtenção de renda por meio da atividade mediúnica?

Há consenso entre eles quanto ao emprego de parte do rendimento das atividades mediúnicas (obtido por meio da venda de produtos, bem como através de doações voluntárias) para se remunerar funcionários dos centros espíritas, bem como para manter atividades e/ou instituições assistenciais. As opiniões, contudo, se dividem quando a discussão incide sobre o uso da prática mediúnica como atividade econômica, isto é, como meio de sobrevivência e/ou de enriquecimento pessoal.

Duas fontes de dados serviram de base para aquilatar as posições correntes: o debate realizado num *site* espírita, que acompanhei em meados de 2002, e cartas enviadas por leitores, adeptos e não-adeptos da doutrina espírita, publicadas *on-line* pela revista *Época* em maio de 2003. Nos dois casos se

observa que a posição dominante é de reprovação à mercantilização da mediunidade. Perguntavam-se os internautas remetendo às bases éticas da doutrina: “Quanto teriam pago os Gasparetto, mãe e filho, pela mediunidade que possuem?”. Outro questiona: “A imagem do médium espírita que (ganha) milhões não perturba a credibilidade do Espiritismo?”. Um terceiro afirma: “Eu não sei se consigo aprovar qualquer atividade remunerada como eticamente justa”. Mais incisivas na rejeição dessa prática, as cartas dos leitores não deixam dúvida quanto à sua reprovação: “Negociar mediunidade, além de deplorável, é acima de tudo desrespeitar a Doutrina dos Espíritos”. O mesmo pensa outro leitor, que se manifestou da seguinte forma: “quem tem olhos para ver” entenderá que o espírita não comercializa, não vende, não recebe nenhum tipo de pagamento ou recompensa pelo uso do potencial mediúnico”. Complementa essa imagem um outro leitor: “A função dos médiuns é ajudar as pessoas [...] e não enriquecer com seu dom”. Outro acrescenta: “Apesar dos livros de Zíbia servirem de grande porta de entrada para o conhecimento da Doutrina, o seu próprio exemplo desvirtua completamente a essência do espiritismo”. A mesma posição manifestou um internauta: “[Precisamos] estar atentos para que os conceitos e idéias que foram responsáveis por minar as bases de outras religiões não sejam incorporados em definitivo pelo Espiritismo. E o comércio dos dons é uma delas”.

Apesar do consenso, não há unanimidade. Observam-se entre os internautas ensaios de um exercício de relativização doutrinária. Um deles, por exemplo, afirma: “Ninguém é obrigado a ser um novo Chico Xavier [...] Se [o médium] fatura milhões, o que nos interessa ??? [...] Tomara que fature bilhões e divulgue bilhões de livros pelo planeta. Esta mania de ter que ser pobre para ganhar o reino dos céus...”. Um outro postula: “Em princípio, prefiro não cobrar nada que faço para o espiritismo. [...] Serei melhor que os outros por isso? De forma alguma. Até porque não é propriamente uma racionalidade que me conduz e, sim, um sentimento religioso, um pudor que rema-



nesce de minha admiração por Chico Xavier [...]”. Mais radical no seu questionamento, um terceiro participante da lista de debate expressou-se da seguinte forma: “Existem vários *espiritismos*. Para mim é evidente que Luiz Gasparetto *faz espiritismo* sem fazer o *Espiritismo Kardecista*”. E adiante acrescenta: “Vamos exercitar a prática do desapego, tão recomendada pelo Hinduísmo e pelo Budismo, e romper os grilhões que nos atam à ilusão de que somos nós os proprietários da palavra *espiritismo*” (grifos no original).

Pinçados de uma discussão que se estendeu por mais de um mês na Internet, envolvendo, assim como as cartas dos leitores, indivíduos de diferentes partes do país, os comentários acima sugerem resistência à renovação de certas práticas e idéias doutrinárias. Especialmente quando envolvem revisão de ordem ética.

Pautada no princípio cristão da caridade, a prática mediúnica é entendida pelos espíritas como *missão*, ou seja, como exercício de doação pessoal. “Dai de graça o que de graça recebestes” é uma frase constante-

Cristo e os Vendilhões, de El Greco

mente repetida. Prática moral que alguns médiuns, Chico Xavier dentre os mais célebres, consagraram como constitutiva do *ethos* espírita. Praticá-la a partir de uma outra ética significa abrir mão de um princípio tido como constitutivo da identidade desse grupo religioso, que tem por matriz a noção católica de santidade (3).

O percurso realizado pela família Gasparetto me parece exemplar para pensar essa questão. Buscando atender a demandas de segmentos emergentes de classe média, pouco afeitos ao tradicionalismo e ao dogmatismo religioso, “o clã dos Gasparetto”, como é por vezes chamado (4), vem liderando uma corrente de renovação no campo espírita, cujas marcas fundamentais podem ser caracterizadas pela incorporação e reinterpretação de práticas e idéias do universo “neo-esotérico” e de “auto-ajuda”. Desse processo, como se pretende demonstrar adiante, resulta, de um lado, o seu afastamento de certos valores associados à cosmologia católica, que impregnam de forma hegemônica as práticas kardecistas; de outro, a ampliação de sua interlocução com outros grupos do campo religioso, em especial aqueles engajados na chamada “teologia da prosperidade” (5).

DO ESPIRITISMO À AUTO-AJUDA: INVENÇÃO E TRADIÇÃO (6)

Viagens ao exterior realizadas nos anos 70 – aos Estados Unidos e Europa especialmente –, quando era ainda desconhecido no Brasil, inclusive no meio espírita, tiveram um papel fundamental na carreira de Luiz Antonio Gasparetto. Pode-se afirmar que estas cumpriram, por um lado, função ritual, sinalizando o período de liminaridade (isto é, de afastamento do meio social de origem), marco constitutivo do percurso iniciático. De outro, propiciaram a relativização da experiência mediúnica, na medida em que as atividades no exterior lhe permitiram entrar em contato com outros médiuns e observar suas práticas em sessões públicas e progra-

mas realizados na TV. Segundo seu próprio relato, a estadia em Esalen, na Califórnia (EUA), teve importante impacto, justamente pela possibilidade de contato com diversos sistemas de conhecimento, especialmente o chamado “pensamento positivo” e técnicas de psicoterapia corporal.

Pouco depois de seu retorno ao Brasil, Luiz Gasparetto começou a se indispor com a Federação Espírita Brasileira. O alvo principal de suas críticas se concentra no *moralismo da doutrina*, manifesto na omissão com relação a certos temas, sexo e dinheiro, por exemplo. Segundo o médium, esses temas constituem até hoje um tabu no Brasil, o que, segundo ele, não ocorre no exterior: “Quando viajo para o estrangeiro e converso com os médiuns, os espíritos conversam abertamente de sexo e seus problemas. Aqui não. No Brasil nenhum espírito toca nesse assunto [...] Aqui só dizem: ‘vai tomar passe, vai tomar passe!...’”. Donde conclui: “Apesar dos espíritos terem tentado passar uma mensagem libertadora, aqui os médiuns eram católicos e a linguagem que usaram era própria de sua estrutura mental. Passou o que foi possível. O resto ficou cheio de catolicismo” (7).

A questão moral não resume, contudo, suas divergências. Luiz Gasparetto considera o movimento espírita “ *muito antiquado* [...] não sai daquela caminhada, sempre igual: não muda o jeito do passe, não muda [a forma de] tratamento, não se conhece nada de energia [...]”. Críticas da mesma ordem são dirigidas às obras de Allan Kardec, as quais considera datadas: “O importante [nestas] é sua postura. Quando digo que sou kardecista é por causa da pesquisa, do questionamento, da comparação, da busca e do método utilizado por Kardec [...]. Agora, o conteúdo é coisa de época”. Usando como referência a sua experiência pessoal, pontifica: “O que nós precisamos fazer é pesquisar médiuns de outras partes do mundo e ver o que eles têm a dizer. Sair do nosso país, do nosso mundo fechado, desse religiosismo” (8).

Fazendo dessa proposta o mote de sua trajetória, Luiz Gasparetto passou a implementar, a partir dos anos 80, novas

3 A construção da identidade espírita tendo como matriz a noção de santidade católica é objeto de análise em: Stoll, 2003 e 2004.

4 Zíbia Gasparetto e dois de seus quatro filhos são médiuns conhecidos: Luiz Antonio Gasparetto, o mais famoso dentre eles, fez carreira internacional divulgando a pintura mediúnica; Irineu Gasparetto produz música em “parceria mediúnica” com “várias gerações de sambistas”, tendo já gravado um CD.

5 Sobre as origens da “teologia da prosperidade” nos EUA e Brasil ver: Mariano, 1996.

6 Os dados que seguem constam de minha tese de doutorado, defendida na Universidade de São Paulo em 1999, publicada pela Edusp/Orion sob o título *Espiritismo à Brasileira* (2003).

7 Depoimento publicado na revista *O Assunto É... Espiritismo* 21, s/d, p. 43.

8 In *Revista Planeta*, 1990, p. 11.

práticas no Centro de Cultura Espírita Os Caminheiros, dirigido por Zíbia, sua mãe. O centro mudou inclusive de nome, passando a denominar-se Centro de Desenvolvimento Espiritual Os Caminheiros. Além de abrigar atividades organizadas segundo o padrão espírita tradicional (realização de sessões públicas de pintura mediúnica e aconselhamento), passou a implementar práticas terapêuticas que fogem, de modo geral, ao repertório espírita, como, por exemplo, o “passe com luzes” (prática que associa o passe espírita à cromoterapia) e sessões de “visualização criativa”, técnica que também pode ser associada à cromoterapia na abordagem dos problemas de saúde. Oriundas do universo das “terapias alternativas”, essas técnicas permitiam introduzir no campo espírita a abordagem corporal de questões psicológicas. Também no campo “dos estudos” foram introduzidas inovações. Além das atividades espíritas tradicionais – o ensino da doutrina e a escola de “desenvolvimento mediúnico” –, começou-se a promover palestras semanais realizadas por profissionais convidados, tratando de temas que remetem ao universo “neo-esotérico”: ufologia, astrologia, tarô, cristais, etc. Também eram oferecidos cursos rápidos, de quatro semanas em média, voltados aos temas da auto-ajuda: “Prosperidade”, “Cure o seu Corpo” e “Paz Mental e Emocional” figuravam, segundo Zíbia Gasparetto, entre os mais procurados (9).

A implementação dessas atividades visava mais do que à simples inovação de práticas rituais. Tratava-se de criar um “novo espiritismo”. Segundo Luiz Gasparetto, o “Espiritismo da Nova Era” (10). O seu objetivo principal consiste na promoção do “desenvolvimento espiritual” – tema que constitui o cerne da motivação do envolvimento dos adeptos nas atividades dos centros, podendo realizar-se, conforme assinala Giumbelli (1995), de duas formas: por meio da prática da caridade ou do investimento pessoal. Como observa o autor, a primeira consiste na busca de “aprimoramento espiritual” através da “orientação para outrem” (em geral os pobres, os “necessitados”, doentes, idosos, etc.), enquanto a segunda

privilegia o próprio indivíduo (Giumbelli, 1995, p. 71). A prática da caridade, entendida nos termos acima, define o *ethos* espírita tradicional. A ênfase no investimento “em si próprio” caracteriza o modelo implementado por Luiz Antonio Gasparetto, tendo por respaldo o ideário da “auto-ajuda” e da chamada “Nova Era”.

O deslocamento de ênfase e do foco “no outro” para “si” se realiza, nesse caso, de várias formas: além das inovações acima mencionadas introduzidas no centro, Luiz Gasparetto criou, nos anos 80, o Espaço Vida e Consciência, local onde desde então realiza cursos, palestras, *shows* e *workshops* sobre os temas da auto-ajuda. Os livros psicografados por Zíbia Gasparetto também passaram por processo de renovação: usando de uma linguagem mais ágil, cenários e personagens do cotidiano da vida contemporânea, os conceitos tradicionais da doutrina espírita se apresentam sintonizados com o ideário da “auto-ajuda”. Por fim, o processo culmina com o fechamento do centro Os Caminheiros em meados dos anos 90.

Dentre outros, dessa trajetória resulta a circunscrição do âmbito social de sua atuação, visto que se aprofunda o comprometimento dessa corrente, em caráter quase exclusivo, com as demandas de certos segmentos de classe média (11).

Amudança ética observada é consistente com esse processo, refletindo-se num dos fundamentos básicos da prática espírita: o trabalho mediúnico. A principal crítica de Luiz Gasparetto se dirige aos valores de que se revestiu essa prática, tendo por inspiração o modelo de santidade católica. Chico Xavier, figura a que se associa a forma exemplar da prática mediúnica espírita, fez dessa atividade um exercício de renúncia, de sacrifício pessoal, sendo recorrentemente citado como modelo a ser seguido por aqueles que defendem ser essa essencialmente uma prática de caridade (12).

“Podemos fazer uma mediunidade moderna”, argumenta Luiz Gasparetto, sugerindo a possibilidade de o médium usufruir desta para o seu próprio bem-estar, além de servir-se da mediunidade não apenas para fins de cura e/ou para a produção de

9 In *Revista Planeta*, 1995, p. 22.

10 A expressão “Espiritismo da Nova Era” foi usada por Luiz Gasparetto em entrevista publicada na revista *Planeta* (1990, p. 13).

11 Reafirmando dados de pesquisas anteriores, de acordo com a FGV, “o kardecismo prospera nas camadas mais favorecidas da população. Seus adeptos têm renda familiar 150% superior à média nacional”. Seus indicadores de escolaridade também se destacam: os espíritas “estudaram cerca de dez anos mais que os católicos e pentecostais” (cf. *Época*, 19 de maio de 2003).

12 Sobre esse tema ver: Stoll, 2003 e 2004.

“fenômenos extraordinários”, mas, principalmente, para orientar a vida cotidiana dos indivíduos. “A necessidade das pessoas parece ter mudado e os desencarnados, interessados em promover nossa evolução, mudaram o modo de me usar como veículo desse trabalho [...]” (13).

Essa mudança de perspectiva com relação à prática mediúnica foi assumida de forma mais radical quando a família Gasparetto decidiu promover o fechamento do centro Os Caminheiros (dezembro de 1995). A partir daí o Espaço Vida e Consciência (uma espécie de “spa esotérico” segundo reportagem jornalística mencionada) passou a reunir o que por mais de uma década fora mantido por Luiz Gasparetto, por razões de ordem doutrinária, como atividades separadas: o trabalho profissional, voltado à difusão de práticas de auto-ajuda (realizado no Espaço Vida e Consciência) e o exercício da mediunidade (atividade até então praticada semanalmente no centro). No início de 1996 inaugurou-se o novo formato, no qual a prática da mediunidade passa a integrar o rol de atividades do Espaço Vida e Consciência, sendo utilizada em palestras

que se destinam a grandes platéias e são pagas. “Essa é uma forma moderna de fazer sessão espírita”, justificava o médium na apresentação de “Energética”, o seu primeiro curso de auto-ajuda realizado em consórcio com o “plano espiritual”.

A ÉTICA DA PROSPERIDADE

No meio espírita o tema da prosperidade é um tema novo, porém vem ganhando crescente visibilidade, em especial através do movimento editorial. A sua propagação, porém, parece dar-se preferencialmente no contexto do que D’Andrea (1998) qualifica como um “espiritismo difuso”, sofrendo acirrada rejeição por parte daqueles que se definem como kardecistas.

As controvérsias se desenvolvem em função de distanciamentos observados em relação à “tradição”. Ao contrário das religiões de salvação, cuja escatologia se volta para a vida futura (isto é, pós-morte), a doutrina da prosperidade desloca para a vida terrena, ou seja, “aqui e agora”, a promessa de bem-estar e realização pessoal. Perspectiva que a corrente liderada por Luiz Gasparetto endossa como proposta de renovação do espiritismo.

“Quem disse que o Universo é miserável?” – a pergunta freqüentemente repetida por Luiz Gasparetto em tom provocativo tem o objetivo de conduzir à revisão de certos conceitos, em particular a interpretação do *karma* como destino. Dando ênfase a um dos fundamentos da doutrina espírita – o livre-arbítrio –, o médium afirma: “Não há privilégios no Universo. Cada um retira da abundância universal aquilo que crê”. Ou, dito de outra forma: “Quem está errada, é a vida? Não. São os seus programas de felicidade. A vida dá chances iguais para todos. A diferença está nas crenças de cada um”. Dois temas – sofrimento e dinheiro – são utilizados com freqüência a título de ilustração. Pergunta Luiz Gasparetto com relação a este último: “Que crenças você tem com relação ao dinheiro?”. A indagação visa chamar atenção para representações

13 Trecho extraído da apresentação do primeiro livro de “Calunga”, *Um Dedinho de Prosa*, no qual se transcrevem alguns de seus programas de rádio. A apresentação deste é de Luiz Gasparetto.

de senso comum: “[...] ninguém gosta de confessar porque é cristão. Cristão não pode amar o dinheiro. Dinheiro é [considerado] coisa suja, não é espiritual [...]”. Os católicos consideram a riqueza como um mal e a pobreza como [condição de acesso ao] reino dos céus”. A essas representações somam-se outras, por exemplo, “dinheiro só se ganha com luta e sacrifício” ou “dinheiro não traz felicidade”.

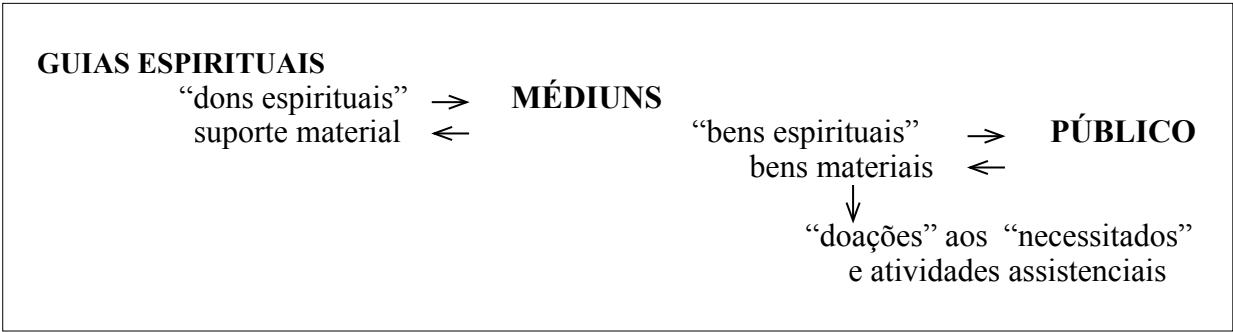
Correntes no senso comum, essas representações são consistentes com a moral católica com relação à representação do dinheiro e da acumulação como projeto de vida. Distanciando-se dessa postura, que no Brasil impregnou também a doutrina espírita, Luiz Gasparetto envereda, à moda protestante, para a valorização do sucesso financeiro, entendendo-o como uma das formas de manifestação da prosperidade. Tema central dessa doutrina, a compatibilização entre riqueza material e espiritualidade constitui uma de suas preocupações básicas.

Outros conceitos que a doutrina da prosperidade desafia é a noção de sacrifício, de sofrimento, duas categorias que também estão intrinsecamente associadas à expressão cristã da espiritualidade. A crítica a esses valores é explícita no discurso de auto-ajuda de Luiz Gasparetto. Em *Faça dar Certo*, livro de sua autoria, lê-se: “não apregoe a pobreza como passaporte para a espiritualidade. A Vida não quer abstinência, sofrimento, nem escassez”.

Essa crítica tem um alvo preciso: o conceito espírita de caridade. Marco de identidade doutrinária, a sua prática inscreve vivos, mortos e o elo entre eles, os médiuns, no circuito da dádiva. Esse circuito

envolve o fluxo de bens “espirituais” e materiais, estruturados em esferas distintas de circulação, nas quais os participantes não interagem de forma igualitária. As esferas de reciprocidade são definidas por um sistema hierárquico de posições e relações. Naquela que envolve “espíritos” (“superiores”) e médiuns, a doação de bens espirituais (dons) pelos primeiros se realiza em troca de suporte material (corporal) dos segundos. Aquele que recebe o dom o coloca, por sua vez, à disposição dos vivos; doação que se manifesta em termos “espirituais” e/ou materiais por meio da oferta de mensagens, livros, cura, consolo, etc. Quem recebe esses bens ou benefícios materiais e/ou “espirituais” por sua vez retribui com doações, em geral, de ordem material dirigidas aos centros e/ou instituições mantidas por estes, ou diretamente aos “necessitados” (populações de rua, de favela, de bairros de periferia, idosos, doentes, etc.). Por vezes doações (em dinheiro, terras, jóias, etc.), feitas em sinal de gratidão, são dirigidas diretamente aos médiuns. Por preceitos doutrinários, assim como os demais rendimentos e/ou bens materiais auferidos por meio da prática da mediunidade, esses presentes são realocados no circuito da dádiva, sendo direcionados aos “necessitados” diretamente ou através das instituições assistenciais. Graficamente esses circuitos podem ser descritos como se vê no gráfico abaixo.

Depreende-se desse modelo que os “bens espirituais” circulam em todas as esferas do circuito, sendo apropriados de modos diversos pelos seus participantes. O mesmo não ocorre com os “bens materiais”. Estes circulam na primeira esfera como objeto de doação dos médiuns para os “espíri-



tos”; na segunda, por meio dos médiuns os “bens espirituais” se transformam em “bens materiais” para os vivos (livros, pinturas, curas, etc.); retribuídos por meio de doações materiais (alimentos, roupas, dinheiro, etc.), estas são encaminhadas a grupos tidos como “necessitados” e/ou a instituições assistenciais que deles se ocupam. Aqueles que ocupam a função da mediação se encontram, portanto, excluídos da reciprocidade no que se refere às trocas de ordem material.

Consistente com preceitos doutrinários, esse circuito referenda a representação da *mediunidade*, enquanto prática da caridade, como exercício de *renúncia e sacrifício*. Objeto de confronto entre os segmentos mais alinhados à “tradição” e aqueles que buscam a renovação das práticas e conceitos espíritas, esse tema ocupa lugar central como objeto de desconstrução. É o que se observa na prática e discurso de diferentes correntes contemporâneas do movimento espírita, dentre elas aquelas que incorporam temas e práticas de auto-ajuda. Nesse contexto a prática da caridade, entendida como exercício de “amor ao próximo”, perde o sentido uma vez que se prescinde no discurso de auto-ajuda da construção de relações entre indivíduos e/ou grupos de diferentes segmentos sociais como meio para o “desenvolvimento espiritual”. A eliminação da relação com o outro (os mais pobres, os idosos, os carentes, etc.) como condição do aperfeiçoamento pessoal desloca a prática do indivíduo do social para o campo da própria subjetividade.

A passagem, sem mediações, do coletivo ao individual não se faz, porém, sem reducionismo. Idéias, valores e crenças socialmente construídas são tratados como um estoque do qual o indivíduo se apropria, consciente ou inconscientemente, definindo desse modo as condições de sua vida, social e “interior”: “Cada um de nós atrai um lar, um momento ou uma situação de acordo com a qualidade de nossos pensamentos. Por isso ninguém nasce em berço esplêndido, ou em favela, por acaso [...]. É verdade que a pessoa nascida num meio pobre já trouxe consigo pensamentos de pobreza. Deu

crédito à falta e não à abundância”, afirma Luiz Gasparetto num de seus livros.

Essas afirmações, como tantas outras do mesmo tipo, deslocam o social para um plano secundário. Ou seja, a relação indivíduo/sociedade passa a ser focalizada de uma perspectiva psicologizante. Esse enfoque é radicalizado pelo discurso de auto-ajuda, na medida em que este concebe a desigualdade social como algo que se instaura em consequência de crenças e escolhas individuais, como sugerem as afirmações que seguem: “Numa sociedade o que (produz) a diferença são escolhas individuais. Pode-se dar crédito à riqueza ou à pobreza”. Ou seja: “Criamos aquilo que vivemos através dos nossos pensamentos e das nossas crenças”. “Apesar de nascermos para a abundância, muitos experimentam a escassez por não saber viver de acordo com as leis da natureza, colocando-se à parte do fluxo da prosperidade natural.”

Considerando as condições sociais de vida como reflexo de condicionamentos de ordem subjetiva, a mudança destas se afigura nesse tipo de discurso como um ato de vontade: “[...] a riqueza existe dentro e fora de você, mas só vai se manifestar em sua vida quando você acreditar que tem direito a ela, criando pensamentos prósperos”. Ou, dito de outro modo: “O destino é feito por cada um, de acordo com as suas respectivas crenças”. “Quando eu escolho, é a vida escolhendo. Tudo está aqui. O Universo é abundância. Essa é a lei do Universo. Não há nenhum Deus lá em cima selecionando o que vai dar pra você. Nós é que criamos a falta.” Imagens que lhe permitem concluir que “você está onde você se pôs”.

Pautada numa outra ética – mais consistente com o arrefecimento do individualismo e com a positivação do consumo como valor –, a doutrina da prosperidade introduz a discussão da *afluência* como valor “espiritual”. Tema que, segundo Featherstone (1995), explicita o confronto que ocorre na sociedade contemporânea entre segmentos de classe média: “A fase atual (é) de oferta excessiva de bens simbólicos nas sociedades ocidentais contemporâneas”, diz ele, sugerindo que nesse contexto a

experiência do consumo assume novos significados (Featherstone, 1995, p. 31). O embate que se trava entre os segmentos “tradicionais” das classes médias e a nova “fração” desta revela o que há de inovador: os primeiros, “principalmente os especialistas econômicos tradicionais”, preservam “o trabalho árduo e disciplinado”, “a conduta ascética voltada para o mundo interior” como valor; a nova fração da classe média (em que se incluem “especialistas” e “intermediários culturais”) não partilha, porém, desse “sóbrio capitalismo burguês”, como o definia Weber (1967, p. 9). Questionando as “noções vigentes de consumo”, a nova fração da classe média “põe em circulação

imagens do consumo com sugestões de prazer e desejos alternativos, do consumo enquanto excesso, desperdício e desordem” (Featherstone, 1995, p. 41).

Essa “nova ética do consumo” é o que traduzem as doutrinas da prosperidade, as quais não se confrontam apenas com a ética puritana, como sugere Featherstone (1995). O estudo de caso sobre a trajetória de Luiz Gasparetto sugere que elas desafiam também o discurso de virtudes da santidade, versão do ascetismo-no-mundo definido como ideal do catolicismo, assim como de outros sistemas religiosos que dele se apropriaram, como é o caso do espiritismo brasileiro.

BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, Solange. “A Família do Além”, in *Época*. Rio de Janeiro, Globo, 19/5/2003.
- DANTAS, Beatriz. “A Organização Econômica de um Terreiro de Xangô”, in *Religião e Sociedade* 4. Rio de Janeiro, Iser, outubro de 1979.
- D’ANDREA, Anthony. *O Self Perfeito e a Nova Era*. São Paulo, Loyola, 1998.
- FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de Consumo e Pós-modernismo*. São Paulo, Nobel, 1995.
- GIUMBELLI, Emerson. *Em Nome da Caridade: Assistência Social e Religião nas Instituições Espíritas*. vol.1. Rio de Janeiro, Núcleo de Pesquisa, Iser, 1995.
- MAGGIE, Ivonne; CONTINS, Márcia. “Gueto Cultural ou a Umbanda como Modo de Vida: Notas sobre uma Experiência de Campo na Baixada Fluminense”, in Gilberto Velho (org.). *O Desafio da Cidade*. Rio de Janeiro, Campus, 1980.
- MARIANO, Ricardo. “O Neopentecostalismo e a Teologia da Prosperidade”, in *Novos Estudos Cebrap*, 44. São Paulo, Cebrap, 1996.
- _____. “O Debate Acadêmico sobre as Práticas Econômicas da Igreja Universal”. *Paper* apresentado na XX Reunião Anual da Anpocs. Caxambu/MG, 27 a 31 de outubro de 1998.
- MARTHE, Marcelo. “‘Eles Ditam, Eu Reviso’. Assim É a Relação entre os Espíritos e Zíbia Gasparetto, a Médium que Montou um Império Editorial”, in *Veja*. São Paulo, Abril, 23/1/2002.
- NEGRÃO, Lísias. *Entre a Cruz e a Encruzilhada*. São Paulo, Edusp, 1996.
- ORO, Pedro. “‘Podem Passar a Sacolinha’”: um Estudo sobre a Representação do Dinheiro no Pentecostalismo Autônomo Brasileiro”, in *Revista Eclesiástica Brasileira*, março-abril/1993.
- _____. “Religião e Mercado no Cone Sul: as Religiões Afro-brasileiras como Negócio”. *Paper* apresentado na XXII Reunião Anual da Anpocs, 21-31 de outubro de 1998.
- _____. “Neopentecostalismo: Dinheiro e Magia”, in *Ilha* 3 (1). Florianópolis, novembro de 2001.
- PIERUCCI, Flávio; PRANDI, Reginaldo. *A Realidade Social das Religiões no Brasil*. São Paulo, Hucitec, 1996.
- STOLL, Sandra Jacqueline. *Espiritismo à Brasileira*. São Paulo, Edusp/Orion, 2003.
- _____. “Narrativas Biográficas: a Construção da Identidade Espírita no Brasil e sua Fragmentação”, in *Estudos Avançados* 18, 2004, p. 52.
-